

# VIDA COM OS BANDIDOS ERA UMA DESGRAÇA

— populações libertadas pelas FAM (FPLM) em Mambuíli

por Abel Faife (texto) e Azarias Inguane (fotos)

«Era uma desgraça a vida com os bandidos armados. Todos nós aqui na zona vivíamos como animais. Os espancamentos eram diários. Levavam-nos tudo quanto queriam e nada podíamos fazer» — este desabafo de Alexandre Julai Manguile traduz o dramático quotidiano que constituía a vida de cerca de um milhar de pessoas residentes nas imediações do antigo acampamento central dos bandidos armados, em Mambuíli, recentemente assaltado e ocupado pelas Forças Armadas de Moçambique (FPLM).

Situada a sete quilómetros da sede da localidade de Tomé, em Govuro na Província de Inhambane, a zona de Mambuíli é uma povoação duramente atingida pela seca, onde há mais de um ano não se registam chuvas.

Os solos outrora férteis, onde o milho, mandioca e algodão constituíam as principais culturas, hoje são áridos e ressequidos, tendo como vegetação dominante a micaia e outras plantas rústicas.

Mas o maior flagelo da zona foram os bandidos armados. Desde que no local se instalaram, há mais de um ano, empreenderam uma sistemática acção de destruição, saqueando animais, roupas, haveres e devastando machambas das populações.

## INSTALAÇÃO DO TERROR

Alexandre Julai Manguile, de 43 anos, que vive na zona com a sua família, constituída pela mulher, mãe e seis filhos, conta-nos como se vivia na região durante a presença dos bandidos armados.

— Logo que aqui se instalaram começaram a arrancar tudo às populações. Bois, cabritos, galinhas, tudo levaram para ir comer. Em cada casa entravam e tiravam o que lhes apetecesse, desde móveis, rádios, bicicletas, roupas e muitos outros haveres. Quem respondesse levava pancada ou

era morto — disse-nos Alexandre Manguile.

Ele relatou-nos com raiva incontida as crueldades de que ele próprio e

sua família foram vítimas, adiantando que na zona ninguém escapou a semelhante tratamento.

— Eu tinha mais de 30 bois e cabri-



Os bandidos comem carne de gado roubado às populações, enquanto estas morrem de fome



Alexandre Julai Manguile e esposa (à esquerda, ao fundo), acompanhados de sua família. A este camponês, os bandidos roubaram 30 cabeças de gado, saquearam o milho da machamba, roupas e todos os haveres.

tos, além de uma grande machamba de milho. Quando os bandidos chegaram começaram por levar duas a três cabeças por dia. Então quando vi que aquilo não parava um dia pedi a um dos chefes dos grupos que andavam a arrancar bens das populações para me conduzir ao chefe principal do acampamento porque eu queria pedir-lhe para não me tirar todo o gado, pois sou pobre e toda a minha vida estava nas 30 cabeças.

A resposta dos bandidos a este «atrevimento» de Alexandre Manguile não se fez esperar. No mesmo dia foi amarrado e brutalmente espancado e, de uma só vez, os restantes animais foram levados para o acampamento.

— Como se isso não bastasse, no dia seguinte voltaram e tiraram-me as minhas roupas e as da minha mulher, e das crianças e destruíram as minhas duas casas. Depois foram à machamba e arrancaram todas as culturas. Fiquei na maior das desgraças. Então, apesar de terem instalado uma forte vigilância contra mim e outros como eu, consegui fugir daqui, deixando apenas a minha família, que é numerosa. Agora só voltei porque os nossos soldados chegaram e expulsaram os bandidos.

## EXTERMINIO DA POPULAÇÃO

— Se até agora não tivessem chegado os soldados da Frelimo nós haveríamos de acabar aqui, porque, além das pessoas que morrem de fome, os bandidos matam todos aqueles que se atrevem a abrir a boca contra eles — interveio pesarosa a esposa de Alexandre Manguile, que também fez questão em dar as suas impressões.

Prematuramente envelhecida pelo sofrimento da dramática coexistência com os bandidos, a esposa do nosso entrevistado não cessava de abanar a cabeça, comentando várias vezes: «nem parece verdade que os bandidos já foram expulsos daqui!»

— Apesar de nos terem tirado tudo, quando eu procurava certas raízes que são a nossa alternativa alimentar na zona e um pouco de «nkakana» (folhas comestíveis de uma erva espontânea e resistente à seca) para cozinhar e dar às crianças, eles vinham à panela e comiam tudo. Eu ficava só a olhar para os meus filhos, sem nada para lhes dar — ao chegar a este ponto das suas declarações a mulher rompeu em convulsivo choro.

Foi esta a angustiante existência que os bandidos armados implantaram em Mambuíli no seio das populações residentes em redor do seu acampamento central. Em muitos dos lares, os maridos ainda não regressaram à casa, pois não estão informados da expulsão dos bandidos pelas nossas forças.

— Agora com a Frelimo, a vida é tão diferente, as pessoas são tratadas com respeito e dignidade. O nosso apelo aqui na zona é que, em conjunto com os nossos soldados reforçemos a vigilância para que os bandidos não mais perturbem a nossa vida — disse-nos Alexandre Manguile.